

As relações entre EUA e América Latina: intervenção, coerção, intolerância e ambiguidade

Eduardo Antonio Lucas Parga*

O segundo governo Donald Trump (2025-2029) e a América Latina

Para o segundo governo Donald Trump, a América Latina e o Caribe tornam-se um gigantesco campo de testes para a política internacional MAGA (*Make América Great Again*) num contexto mundial disruptivo. Disruptivo porque num contexto pós Guerra Fria, os EUA sendo a maior potência global num contexto com um multilateralismo resistente, para não perder o seu lugar, tem que evitar a contínua ascensão da China à candidata ao seu lugar. E a América Latina possui uma posição fundamental nesse tabuleiro geopolítico.

Sendo a América Latina e o Caribe, um conjunto de 33 países que, em termos geopolíticos e históricos, constituem uma área de influência imediata para os EUA, seu governo busca testar o acúmulo histórico de poder na região, com parâmetros seletivos de sua capacidade para subordinar, extorquir e impor o domínio de seus interesses, baseado em agendas específicas como migração, segurança, controle de fronteiras, defesa, comércio e investimentos, deixando de lado temas relacionados ao meio ambiente, transição energética, cooperação internacional e tecnologia.¹

Tal ideia de se ver a América Latina e o Caribe como um campo ou laboratório regional de testes para a projeção do poder dos EUA não é nova, mas a utilização massiva e intensiva da coerção como fator político em um contexto internacional disruptivo o é. Como se constitui a base interna de apoio ao governo Trump?

Nos EUA, o movimento MAGA sustenta-se por uma coalizão de forças liderada por Donald Trump. Este movimento apropriou-se do lema de campanha presidencial dos anos 1980 de Ronald Reagan, *Make América Great Again*, identificando-o com uma forte reação ao que se supõe ser o declínio do poder americano. A proposta consiste em recuperar a primazia global norte-americana e as características identitárias da imagem dos EUA para o mundo.

Desde o primeiro governo Trump (2017-2021) e continuando em seu segundo governo, iniciado em janeiro de 2025, sua ação caracteriza-se por forte sentimento nacionalista, com um novo patriotismo, hiper religiosidade, militarista, projetando uma imagem exacerbada do

* Pós Doutor em História Política, Pesquisador Visitante bolsista da FAPERJ/PPGH/UERJ, Pesquisador do NUCLEAS/UERJ. Este estudo foi financiado pela FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI 260003/000797/2024, do Programa Pesquisador Visitante (PV).

¹ ROMERO, Carlos A., LUJÁN, Carlos, GONZÁLES, Guadalupe, TOKATLIAN, Juan Gabriel e HIRST, Mônica, Trump, *América Latina e o Caribe: Um laboratório de controle?* In [Trump e América Latina e Caribe: Um laboratório de controle? Artigo de Carlos A. Romero, Carlos Luján, Guadalupe González, Juan Gabriel Tokatlian, Mônica Hirst - Instituto Humanitas Unisinos - IHU, publicado em 07 de abril de 2025.](#)

excepcionalismo dos EUA ressignificando seu Destino Manifesto onde o lema *América First* denota que os interesses norte-americanos estão acima dos demais.

O projeto MAGA, abraçado pelo governo Trump, representa uma forte reação antiliberal, antiglobalista e antiprogressista apoiado por setores ultraconservadores e reacionários que defendem a supremacia branca, o protecionismo e a xenofobia. Internamente, a sustentação política se explica pela frente formada pelo movimento MAGA formado por republicanos extremistas e neoconservadores reunindo amplo espectro social que abrange tanto tecnopresários e multimilionários como camadas trabalhadoras pobres de áreas urbanas e rurais.

Em termos institucionais, o posicionamento dos políticos republicanos por 27 governos estaduais e ao nível dos três poderes do governo federal fornece uma sólida força política ao movimento MAGA. Esta sustentação política possibilita um reordenamento da máquina administrativa federal com uma nova atuação do presidente da República, rearticulando as relações entre as esferas privada e pública e o cotidiano da sociedade norte-americana.

MAGA e o Destino Manifesto

Existe alguma relação entre o movimento MAGA e a doutrina do Destino Manifesto? A relação que pode existir entre este movimento e tal doutrina repousa na recuperação e ressignificação de temas do nacionalismo norte-americano, de seu excepcionalismo e da expansão dos EUA no contexto político atual. O Destino Manifesto foi uma ideologia do século XIX que acabou por justificar a expansão territorial dos EUA para o Oeste sobre as terras das populações indígenas e do território mexicano. O movimento MAGA evoca uma visão nostálgica e ressurgente da “grandeza” perdida dos EUA fazendo um paralelismo ideológico que não se traduz numa conquista territorial direta, mas numa projeção de poder e de influência de sua república no século XXI.

Embora os contextos sejam diferentes, o movimento MAGA busca realizar uma conexão ideológica e o conceito histórico do Destino Manifesto ressaltando a visão do “excepcionalismo” norte-americano defendendo a crença de que os EUA estão predestinados a cumprir uma missão civilizatória e, portanto, situam-se numa posição especial. O próprio discurso de posse do segundo governo de Donald Trump (2025-2029) afirma este paralelismo ideológico em diversos trechos como “A América vai recuperar seu lugar de direito como a maior, mais poderosa e mais respeitada nação da Terra, inspirando o respeito e a admiração do mundo inteiro.”²

Trump, em seu discurso de posse em 20 de janeiro de 2025, também marca uma referência política presidencial a ser seguida como exemplo, o presidente William McKinley no

² Discurso de posse de Donald Trump em 20 de janeiro de 2025 In <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eleicoes-nos-eua-2024/leia-o-discurso-de-posse-de-donald-trump-na-integra/>

trecho seguinte: “O presidente McKinley tornou nosso país muito rico por meio de tarifas e talento. Ele era um empresário nato e deu a Teddy Roosevelt o dinheiro para muitas das grandes coisas que ele fez, incluindo o Canal do Panamá, que foi dado tolamente ao país do Panamá depois dos Estados Unidos.”³ Mencionado seus primeiros objetivos políticos de seu mandato para os EUA, ele projeta para o século XXI o Destino Manifesto ressignificado: “E perseguiremos nosso destino manifesto nas estrelas, lançando astronautas americanos para plantar as estrelas e listras no planeta Marte.”⁴

Além de persistir no excepcionalismo do destino dos EUA, ele ainda lembra o conceito de fronteira e de sua expansão, nato do espírito norte-americano: “O espírito da fronteira está escrito em nossos corações. O chamado da próxima grande aventura ressoa de dentro de nossas almas. Nossos ancestrais americanos transformaram um pequeno grupo de colônias na borda de um vasto continente em uma poderosa república dos cidadãos mais extraordinários da Terra. Ninguém chega perto.”⁵ A crença religiosa na predestinação do papel dos EUA também não é esquecida, aludindo a um esforço de união para atingir tal missão: “Com sua ajuda, restauraremos a promessa da América e reconstruiremos a nação que amamos e a amamos tanto. Somos um povo, uma família e uma nação gloriosa sob Deus.”⁶

A visão de política externa do MAGA no governo Trump

A recuperação da primazia global dos EUA como objetivo principal do governo atual de Trump fica evidente ao agir em sucessivos impulsos para recuperar tal primazia no campo geopolítico global, impor-se nas dinâmicas competitivas predominantes da economia global e para definir os parâmetros e marcos ideológicos que devem prevalecer na estrutura política mundial conforme a visão trumpista.

O projeto de seu governo é seminal desde o primeiro mandato e Trump busca resolver questões inacabadas em seu segundo governo. Ao abraçar o projeto MAGA, Trump expressa a vontade política de mudar toda a ordem mundial construída desde 1945, sustentada pelos EUA e expandida por décadas. Trump nutre um forte desdém pelo liberalismo ocidental, pois acredita que o declínio norte-americano aí encontra suas razões e isto é o que o projeto MAGA também crê.

Trump busca enfraquecer a ordem liberal nos planos doméstico e internacional para reconfigurar as relações internacionais e as condições de confronto com seus rivais estratégicos sendo a China a primeira da fila. Para tal, lança mão de todos os instrumentos materiais de poder ao seu alcance como poder militar e ameaças econômicas para intimidar, realinhar e disciplinar

³ Idem.

⁴ Idem, *ibidem*.

⁵ Idem, *ibidem*.

⁶ Idem, *ibidem*.

contrapartes.

Tarifas econômicas, protecionismo comercial sem ligar para as regulações da OMC (Organização Mundial do Comércio), frotas armadas presentes no canal do Panamá, intimidação ao governo venezuelano buscando sua associação ao narcotráfico sem apresentar provas, bombardeando barcos pesqueiros e buscando deslegitimar sua soberania, além de revelar o método de ação encoberta (historicamente conhecido) da CIA antes do fato político ocorrer.

O projeto do MAGA, ao valorizar a superioridade norte-americana e a recuperação de sua primazia global, fornece sustentação à política externa trumpista ao combinar a imposição de uma política *hard power* numa abordagem pragmática onde o interesse nacional está acima de tudo (*América First*) e as considerações morais, éticas e ideológicas são postas de lado em favor de interesses práticos que visem a sobrevivência do Estado. Daí a preferência pelo uso da coerção e da ameaça no lugar da negociação em fóruns internacionais considerando uma fragmentação do sistema internacional dando lugar a autoglorificação que reafirma o sentido de excepcionalidade e de superioridade dos EUA.

Como características essenciais dessa política externa, o poder militar e a riqueza dos EUA justificam a utilização clara e aberta de meios que passam por cima de organizações multilaterais como a ONU e a OEA defendendo uma forma de paz por imposição e por conflitos diretos na negociação das agendas de comércio externo justificadas por medidas protecionistas.

Ainda nesse sentido, a imigração é alardeada e propagandeada como causa da violência e da criminalidade dentro dos EUA justificando a violência policial com defesa da segurança nacional. O momento crítico atual é visto pelo MAGA como uma fase de transição de poder da esfera do Atlântico para o Indo-Pacífico que configura um contexto caracterizado pelo declínio internacional da ordem liberal e pela contínua e crescente competição de interesses entre Washington e Pequim.

O que Trump quer hoje com a América Latina e o Caribe

Para a América Latina e o Caribe, a visão de mundo MAGA que Trump busca realizar em seu segundo mandato tem por objetivo manter uma abordagem de sua política externa ainda mais agressiva, baseada na radicalização e expansão da agenda 2016-2020 com vistas a alcançar melhores resultados na região e isto significa afirmar submeter e subordinar aos interesses norte-americanos.

Se em seu primeiro governo Trump teve suas iniciativas de intervir na Venezuela frustradas, desde o início de agosto de 2025, sob o pretexto de combater cartéis de drogas latino-americanos, classificados por Washington como organizações terroristas e vistas como uma ameaça à segurança nacional dos EUA, o Comando Sul dos EUA ordenou uma mobilização naval próximo às costas da Venezuela e, desde o início de setembro até 23 de outubro de 2025, sete

ataques à embarcações causaram a morte de 32 pessoas, segundo dados oficiais⁷.

No caso da Venezuela, o objetivo evidente é desestabilizar o governo de Nicolás Maduro. Em seu primeiro mandato, Trump articulou estratégias para minar a fidelidade de militares ao governo de Maduro. A CIA chegou a organizar uma força-tarefa para operar ciberataques ao sistema de pagamentos dos militares venezuelanos como forma de oficiais apoiarem Juan Guaidó que, em 2019, se autodeclarou presidente interino da Venezuela e apoiado pelos EUA, mas tal plano falhou porque o apoio dos oficiais venezuelanos à Guaidó não ocorreu.⁸

Com a Colômbia, o atual governo Trump endureceu suas relações com o governo de Gustavo Petro desde setembro, após uma manifestação pró-Palestina do presidente colombiano em Nova York, em 26 de setembro de 2025, em que ele pediu que soldados norte-americanos desobedecessem às ordens de Trump.⁹ Antes, em 23 de setembro, na Assembleia Geral da ONU, Gustavo Petro acusou o governo dos EUA de ser cúmplice de Israel no genocídio que se realiza no conflito em Gaza e defendeu a abertura de processos criminais contra os EUA por ataques com mísseis à embarcações tidas como suspeitas de realizar tráfico de drogas no Caribe.¹⁰

O ritmo desta tensão geopolítica na América Latina e no Caribe, em especial, demonstra a inegável importância na estratégia dos EUA de conter o avanço comercial, financeiro, tecnológico e de infraestrutura da China na região. Em 2024, os negócios entre a China e a região atingiram um montante de US\$ 518,465 bilhões, esperando alcançar US\$ 700 bilhões até 2035. Na região andina, 147 projetos de propriedade chinesa que foram desenvolvidos entre 2000 e 2023, avaliados em US\$ 46 bilhões, espalharam-se pela Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela. Atualmente, do total de 33 países da América Latina e do Caribe, 21 deles aderiram formalmente à Iniciativa do Cinturão e Rota (ICR), e outros, como Colômbia e Brasil, têm acordos parciais com esse mecanismo.¹¹

Para o Brasil hoje, a China é seu principal parceiro comercial — destino de 29,8% de suas exportações —, o que ganhou novo impulso com a assinatura de 34 acordos bilaterais em 2024. Pequim, em termos de agenda global, hoje defende mais orientações alinhadas em favor do multilateralismo, da paz, da não intervenção, da cooperação para o desenvolvimento e do combate às mudanças climáticas, fundamentos importantes da política externa da América Latina e do Caribe.

Enquanto a diplomacia chinesa condena a política de poder do mais forte, reafirma o

⁷ SEMANA ON, “Trump amplia ofensiva e eleva tensão com a Venezuela e a Colômbia” In Região News <https://www.regiaonews.com.br/internacional/trump-amplia-ofensiva-e-eleva-tensao-com-a-venezuela-e-a-colombia>, publicado em 23 de outubro de 2025.

⁸ Idem.

⁹ Idem, *ibidem*.

¹⁰ AGÊNCIA REUTERS, “EUA dizem que vão revogar visto do presidente da Colômbia após falas em ato pró-Palestina” In <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/09/27/eua-dizem-que-vaio-revogar-visto-do-presidente-da-colombia-apos-falas-em-ato-pro-palestina.ghtml>, publicado em 27 de setembro de 2025.

¹¹ ROMERO, Carlos A. e outros, *op. cit.*

compromisso da China com o multilateralismo e a cooperação internacional e critica a política de subordinação da América Latina e do Caribe pelos Estados Unidos, por sua vez, os Estados Unidos, dão as costas ao multilateralismo, buscando intervir e forçar uma recomposição subordinada da região usando todos os meios historicamente acumulados de pressão e coerção sobre a América Latina.

Em verdade, o que Trump mais almeja é encontrar na América Latina uma solução para a crise hegemônica interna e externa dos EUA. A América Latina se torna peça central no tabuleiro geopolítico num período em que os EUA enfrentam, internamente, uma crise de hegemonia e, em termos globais, buscam conter a expansão diplomática e econômica da China, principal rival e ameaça à primazia global norte-americana. Trump cria um ambiente de chantagem econômica com negociações seletivas, bilaterais, pressionando com medidas protecionistas agressivas e combinadas com forte pressão militar. Nesse sentido, pressiona a Colômbia, intensifica ameaças à Venezuela, impôs tarifas elevadas ao Brasil e anuncia apoio financeiro à Argentina buscando realizar o alinhamento do governo de Javier Milei.

Numa visão interméstica¹², Trump realiza uma política externa que serve a múltiplos interesses internos. A América Latina é uma região rica em petróleo e terras raras que são fundamentais para o atual desenvolvimento tecnológico acelerado. Dessa forma, ele procura criar espaço para investimentos transnacionais assegurados pelos EUA em setores de exploração de recursos naturais e com trabalho de baixo custo.¹³

A adoção de uma política externa agressiva, ressignificando o discurso de combate ao narcotráfico, visa também forçar uma recomposição da hegemonia interna e externa dos EUA ao criar conflitos entre aliados que desejam investimentos e intervenções e uma população que rejeita os custos dessas ações. Neste momento, na segunda metade de outubro de 2025, os EUA entram na quarta semana de *shutdown*, já que o orçamento do governo ainda não foi votado no Congresso.¹⁴

Diante da histórica relação assimétrica de poder com os países da América Latina e do Caribe, usar a região como a velha oficina de testes num contexto disruptivo (este é o elemento novo) para equilibrar as tensões geopolíticas representa um meio mais fácil para recuperar a projeção da primazia no cenário global para os EUA.

A estratégia defendida pelo movimento MAGA de recusa ao multilateralismo e desdém pelo direito internacional é abraçada intencionalmente pela política externa de Trump para

¹² Bayless Manning, num artigo de 1977, “The Congress, the Executive and Intermestic Affairs”, que foi publicado na *Foreign Affairs*, usou o conceito de “intermestic” para abordar questões de nível transnacional que seriam inseparavelmente internacionais e domésticas, simultaneamente.

¹³ MOURA, Manuela, “Trump busca na América Latina saída para a crise hegemônica dos EUA” In <https://www.metropoles.com/mundo/trump-america-latina-crise-hegemonica-eua>, publicado em 22 de outubro de 2025.

¹⁴ Idem.

ampliar as assimetrias históricas de poder entre os EUA e os países latino-americanos e caribenhos difundindo, à nível global e regional, o clima de incerteza e demonstrando o desprezo pelas organizações internacionais para contribuir com o esgotamento do multilateralismo na região.

Para evitar coletivamente reações coordenadas e ações dos países com margem de relativa autonomia, o atual governo Trump investe intensivamente com medidas performáticas e retóricas aliadas a ameaças constantes de uso do poder militar. Tal postura busca dissuadir antecipadamente a organização de ações coletivas embora seja também um caminho para o caos. A aposta constante nesse caos tem propósito de dissuasão. A alternativa, com certeza, é uma articulação pelo meio da colaboração multilateral. Mas o poder da dissuasão busca intimidar a iniciativa para tal. A estratégia da ameaça do conflito está colocada no tabuleiro geopolítico.

Como estratégia, seus “falcões” foram selecionados para o seu governo tendo em vista suas origens territoriais, lealdades e respectivo apoio financeiro. Marco Rubio, Cristopher Landau, Peter Navarro, Mauricio Claver-Carone e Richard Grenell, todos eles possuem suas próprias redes e interesses em países da região, particularmente no Caribe (Cuba e República Dominicana), América Central (Guatemala, El Salvador e Panamá) e norte da América do Sul (Colômbia e Venezuela) sem deixar de lado o peso da Flórida¹⁵ nas decisões para a região. Seus colaboradores e suas diferentes tarefas funcionam como um verdadeiro anteparo tático, gerando um clima de incerteza sobre os objetivos e o alcance das ameaças.

A América Latina e Caribe como laboratório de controle

Alguns autores ressaltam o que Greg Grandin, em seu livro *Empire's Workshop: Latin America, the United States and the New Imperialism* (2007), que demonstra como a América Latina tem funcionado como uma ‘oficina’ para articular estratégias políticas dos EUA no exterior¹⁶.

Devemos entender o termo oficina neste contexto como um espaço de aprendizagem no qual são discutidas estratégias que possam contribuir para uma melhor implementação de futuros modos de ação, intervenção e de mecanismos de coerção e manutenção de influência e poder. O objetivo do governo Trump é a de usar a América Latina e o Caribe como região em que o acúmulo histórico de poder demonstre que a primazia dos EUA seja considerada como inquestionável e esta imagem seja projetada para o cenário global.

Em termos de política externa, podemos entender o termo controle como sendo referido

¹⁵ A Flórida ocupa um papel de profundidade na política e na articulação do segundo governo Trump. Conferir <https://ihu.unisinos.br/categorias/656561-como-a-florida-se-tornou-a-capital-maga-dos-estados-unidos>.

¹⁶ Apud ROMERO, Carlos A. e outros, op. cit.

à capacidade de um Estado de influenciar, regular ou limitar ações internacionais, seja por parte de outros países, organizações multilaterais ou de agentes não estatais, como objetivo maior de proteger interesses nacionais e promoção da agenda global deste Estado.

Tal capacidade de controle pode se dirigir ao controle de fronteiras (monitorando e regulando a entrada e saída de pessoas, bens e informações, como no caso do México e a questão da imigração ilegal), controle econômico (uso de medidas como sanções, tarifas ou embargos buscando influenciar o comportamento de outros países, como é o caso das tarifas protecionistas impostas à diversos países como o Brasil, por exemplo), controle diplomático (como estratégias para desestimular organismos e acordos internacionais como a ONU e o Acordo de Paris sobre o meio ambiente, enfatizando o bilateralismo), controle de narrativas (uso de diplomacia pública ou mídia internacional pelas redes sociais e *soft power* para influenciar a percepção global sobre a imagem dos EUA) e controle do poder militar (aumento de gastos militares no governo Trump).

Estas formas de controle são exercidas de forma a não se limitar à simples cooptação, mas baseia-se em um conjunto de ameaças, sanções e medidas punitivas buscando uma desestabilização emocional e clima de incerteza procurando manter os outros países em atitudes defensivas e garantir a dominação e a submissão ao objetivo principal de recuperação da primazia da hegemonia global dos EUA no cenário internacional e nacional.

Para fazer jus aos lemas *Make América Great Again* e *América First*, Trump revisita e ressignifica a Doutrina Monroe, os valores defendidos pelo Destino Manifesto e o *Big Stick* iniciado por Theodore Roosevelt, materializando-os numa iniciativa neoimperialista sobre a América Latina e o Caribe, no século XXI, buscando demarcá-las como região de exclusiva influência dos EUA desde os séculos XIX e XX. Enquanto nos séculos XIX e XX forjava-se a expansão de poder norte-americano sobre a região tornando-a base de apoio de seu alcance e predominância, hoje em dia a preocupação é identificá-la como área de influência para afastar a crescente presença econômica da China em sua ascensão.

No início do século XXI, após o 11 de setembro de 2001, a política neoimperial dos EUA passou a reagir de forma a buscar formas de dominação e não de posição hegemônica. Os ataques terroristas diretos ao centro de poder e decisão forçaram a uma revisão do uso dos mecanismos de controle.

Com a ascensão do governo Trump apoiado por setores de extrema direita e de base conservadora, o desejo de atingir formas de controle mais direto que evitem quaisquer ameaças diretas ou questionamentos ao seu poder se materializam por meio de instrumentos de coerção política e econômica levando ao paroxismo o “predestinado excepcionalismo” dos EUA montado sobre um poderoso aparato militar e nuclear.

A ideia é forçar uma resignação global ao poder dos EUA desdenhando dos fóruns internacionais ou globais. Combina-se um clássico *hard power* como chantagens, coerção, retaliações, com um *soft power* de tipo novo como o apoio a regimes híbridos cada vez mais

autoritários e menos democráticos.¹⁷

Neste *workshop* de projeção de poder da política neoimperialista dos EUA na América Latina e o Caribe, podemos identificar os seguintes instrumentos:¹⁸

O efeito de atordoamento

Buscando um efeito de atordoamento, a tomada de decisões em cascata, articulando reviravoltas inesperadas e estímulos emocionais formatados por grosserias, abusos e intimidação com anúncios de medidas sem aviso a partir de Washington com a intenção de surpreender de maneira vertiginosa, estonteante e performática os atores e agentes internacionais de forma a reduzir ou limitar suas reações.

Depois de assumir em 20 de janeiro de 2025, Trump emitiu em dois meses 132 ordens executivas, das quais 51 estavam relacionadas questões como migração, economia, política externa e segurança nacional, sendo 35 delas direcionadas para a América Latina e Caribe. Tais medidas para a região, buscam ressaltar as vulnerabilidades e estimular a dispersão regional.¹⁹

Acordos bilaterais

A predileção por negociações individuais com acordos bilaterais, adaptados às demandas de Washington, considerando agendas específicas e complexas (*bilateralismo à la carte*): sem garantias, voláteis, com imposições unilaterais ou diálogos próximos, alternando-se com sanções e/ou retaliações mútuas, testes do poder de ameaça com diferentes possibilidades de interação que podem levar a concessões por parte dos ameaçados. Tais acordos bilaterais não tem garantias bem definidas para ambas as partes, são voláteis e oportunistas por intenção, seja por motivos ideológicos ou questões de negócios. O caráter bilateral das negociações dificulta qualquer reação coletiva regional.

A política externa de Trump considera quatro fatores importantes que se combinam: o desprezo ou desrespeito às regras internacionais substituídas pelos acordos bilaterais vinculativos; o caráter transacional dos acordos que deixa sempre uma brecha para uma revisão constante e unilateral; a imprevisibilidade dos comportamentos que criam um clima de incerteza quanto aos resultados obtidos e a utilização de ameaças, retóricas e performances exacerbadas e possíveis retaliações caso as exigências não sejam atendidas. Os comportamentos bilaterais são condicionados pela resposta de cada país e pela estudada interação considerando as relações históricas e assimétricas de poder, as ameaças e as concessões feitas pelos países ameaçados. Tais processos ainda se encontram em andamento.

O *Big Stick* comercial

¹⁷ ROMERO, Carlos A., op. cit.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem, *ibidem*.

Os EUA de Trump usam a coerção econômica por meio de um protecionismo comercial agressivo com ruptura de acordos estabelecidos, um verdadeiro “Big Stick” comercial, buscando impor uma lógica de guerra comercial aos países latino-americanos combinada com a atitude agressiva dos interesses de investimentos de grandes grupos financeiros, econômicos e tecnológicos dos EUA. Com esta postura agressiva, busca-se atingir a primazia econômica norte-americana e afastar competidores como a China, a Europa e economias emergentes, reformulando-se as tradicionais alianças e parcerias. Os resultados dessa política agressiva são diversos nos graus de intensidade e nas metas.

Quando as tarifas do comércio internacional são definidas por acordos bilaterais, como o Brasil por exemplo, medidas unilaterais de imposição tarifária podem atingir setores específicos como o aço e o alumínio. Entretanto, tais impactos ampliam seu escopo quando envolvem nações com acordos de livre comércio, como o México, e se intensificam ainda mais quando tarifas são utilizadas como instrumento de pressão em questões não econômicas. Possíveis respostas coordenadas ao protecionismo correspondente à política MAGA se reduzem pela diferença de fluxos comerciais, no nível de integração produtiva e na natureza das cadeias de valor de cada país.

De acordo com dados do *United States Census Bureau*, em 2024 a América Latina e o Caribe representaram quase 23% do comércio total de mercadorias dos Estados Unidos. Mesmo assim, ainda há fortes contrastes na relevância comercial entre os países da região. Entre as maiores economias latino-americanas, o protagonismo do México é evidente: com os EUA, o México concentra 69% das trocas comerciais da América Latina, enquanto países como o Brasil e a Argentina respondem por 7,4% e 1,3%, respectivamente.²⁰

A política protecionista estimulada pelo movimento MAGA no governo Trump ultrapassa os limites tradicionais de uma política protecionista norte-americana voltada para a reindustrialização. Tal política ao promover o retorno dos investimentos ao território nacional, abandona a lógica incentivada pelo governo Joe Biden de realizar uma estratégia de negócios que envolve a transferência de operações ou serviços para países geograficamente próximos ao invés de optar por locais distantes (lógica de *nearshoring*). Esta posição constitui-se numa reação ideológica contra o neoliberalismo e um desprezo ao livre comércio, que são vistos por uma ótica populista como mecanismos injustos prejudiciais aos interesses dos EUA, resultando em perda de empregos e aumento dos déficits comerciais.

A utilização de tarifas elevadíssimas, sanções comerciais e ameaças, para além de servir à objetivos econômicos, tem por utilidade principal servir ao condicionamento de políticas migratórias e de combate às drogas, impondo padrões de ordem ou disciplina bilaterais. Ao mesmo tempo, a política MAGA projeta a ambição de controlar a exploração de recursos

²⁰ Idem, *ibidem*.

estratégicos, principalmente tanto para o setor da tecnologia digital como para o complexo industrial-militar.

Nessa perspectiva, a América Latina ocupa uma posição fundamental, pois em 2023 a região possuía 48% das reservas mundiais de lítio, 36,6% das de cobre, 34,5% das de prata e 16,7% das de terras raras, essenciais para o desenvolvimento econômico global e para a atual corrida geopolítica.²¹

O “interméstico” na política externa

Outro aspecto se constitui de grande relevância na estruturação do discurso populista trumpista que é a interpenetração do interno com o externo. Tal interpenetração alimenta o discurso trumpista ao defender a posição central de proteção ao cidadão estadunidense, transferindo responsabilidades, custos e culpas para outros países. Questões inter-regionais de comércio, migração, segurança, drogas, fronteiras e guerras culturais são posicionadas de forma central na agenda política do MAGA explicando parcialmente a atenção de Trump dada à América Latina em seus discursos iniciais de 2025, a partir de sua posse, nas ordens executivas e nas iniciativas republicanas no Congresso nos dois primeiros meses de seu segundo governo.

A redefinição do “interméstico” nas relações com a América Latina e Caribe como questões transnacionais que são, ao mesmo tempo, internacionais e domésticas/agendas bilaterais e uso de diplomacia multinível com vários espaços de interação/questões inter-regionais de comércio, migração, segurança, fronteiras, drogas, guerras culturais (polarização sobre o direito da liberdade individual, liberdade de expressão etc.), dada a divisão política interna dos EUA, faz com que tais laços fomentem uma polarização ideológica entre os países latino-americanos e caribenhos, favorecendo o impacto dos interesses norte-americanos no contexto de cada país da região.

Países como Argentina e El Salvador, com Javier Milei e Nayib Bukele como lideranças políticas simpáticas ao governo de Trump, compõem parte da rede de apoiadores do MAGA na região. Em casos como no Brasil e na Colômbia, realizam-se conexões entre setores político domésticos opostos e a extrema direita norte-americana com dinâmicas que se interpenetram e buscam a expansão de sua visibilidade. É o caso do deputado Eduardo Bolsonaro que tentou, sem sucesso, com a pressão de sanções dos EUA com o uso distorcido da Lei Magnitsky sobre membros do Supremo Tribunal Federal no Brasil.

Segurança e revalorização do intervencionismo

Houve um impulso renovado para que o tema da segurança passasse a ser considerado na agenda regional com a suposta ampliação das ameaças que ela pudesse conter. Mesmo não

²¹ Idem, *ibidem*.

sendo uma característica nova nas relações entre os EUA e a América Latina e o Caribe, desde o 11/9/2001, esta dimensão foi reforçada com o incremento do combate ao terrorismo com uma crescente interação entre os serviços de inteligência e os setores militares da América Latina e Caribe provocando um estado de alerta permanente com todos os setores que colaboram com os setores de defesa e segurança dos EUA. A revalorização da ideia de intervenção com fins exclusivamente unilaterais sem parcerias regionais ou extrarregionais, implica numa mudança de prioridades temáticas: prioridades de interesses de grupos específicos nos EUA (Flórida, principalmente), novos métodos de deportação e segurança interna, combate ao crime organizado e sua vinculação ao terrorismo com novas oportunidades de intervenção militar com ou sem “convite”.

Esta interação entre os serviços de inteligência e os setores militares latino-americanos recebeu um forte impulso desse o primeiro governo Trump justificando-se pela ideia de que o espectro de ameaças à segurança nacional estavam se ampliando. Tais ameaças não precisavam se relacionar diretamente a ameaças militares, mas relacionadas a questões como migração, meio ambiente e comércio, inseridas numa visão bipolar que recebia a ascensão da China. Nesse sentido, todo o complexo de segurança e defesa dos EUA são colocados em prontidão permanente. Obedecendo esta linha de pensamento e ação, o Comando Sul passou a ter papel relevante nesta missão em relação ao Caribe e a América do Sul com a operação “Lança do Sul” no combate ao narcotráfico na região. Em 2020, durante o governo Bolsonaro, dadas as afinidades políticas naquele momento, o Brasil foi incluído como aliado preferencial não pertencente à OTAN, ao lado da Colômbia e da Argentina.²²

A política externa trumpista considera um cruzamento entre a pauta da segurança e a redefinição das relações globais, incidindo nas relações entre os EUA e a América Latina e o Caribe. Os rumos dessa política se materializam com a classificação dos cartéis de drogas mexicanos, venezuelanos e salvadorenses como organizações terroristas chegando a serem usados drones e aeronaves em missões de vigilância nas fronteiras terrestres e marítimas com o México. Nesta linha de ação, a pressão sobre a Venezuela desde agosto de 2025 com a movimentação de uma frota naval perto do Caribe com intenção de ofensiva sobre a Venezuela²³, perseguindo e bombardeando dezenas de embarcações supostamente traficando drogas, acusando o presidente Nicolás Maduro de chefe de um cartel de drogas, tudo sem provas, e criando polêmica internacional.

No Brasil, em específico na cidade do Rio de Janeiro, no dia 28/10/25, forças policiais com cerca de 2.500 homens, desencadearam uma megaoperação na região do Complexo do

²² Conferir em <https://www.gov.br/planaltois/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/03/conheca-os-principais-acordos-vigentes-entre-brasil-e-eua> publicado em 10/03/2020 e atualizado em 10/01/2023.

²³ Conferir em <https://exame.com/mundo/movimentacao-de-frota-naval-dos-eua-perto-do-caribe-acende-alerta-na-venezuela/> publicado em 19/08/2025.

Alemão justificada pela Operação Contenção contra a organização criminosa Comando Vermelho.²⁴ Tal operação representou um verdadeiro laboratório para imposição da ordem pela violência policial legitimada pelo Estado. A tentativa de legitimação persiste quando autoridades repetem, exaustivamente, referindo-se aos criminosos tombados como “narcoterroristas”. A intenção é obter na legislação o reconhecimento dos narcotraficantes como terroristas.

A revalorização da ideia de intervencionismo com fins unilaterais para atender exclusivamente aos interesses dos EUA aponta para uma transformação nas prioridades temáticas seguindo interesses específicos nos EUA, principalmente da Flórida, como já foi mencionado, com relação ao combate ao narcotráfico, terrorismo e segurança nacional. Ao vincular a luta contra o terrorismo com o combate ao narcotráfico, podem surgir pretextos para ações intervencionistas unilaterais justificadas pela manutenção da segurança interna ou até mesmo por “convite”.

As implicações no futuro podem apontar para a legitimação do método de guerra de extermínio para combater o crime organizado impondo um modelo fascista de ordem social, levantar a possibilidade de intervenção militar de outros países no Brasil ou em outra região da América Latina com justificativa de combate ao narcoterrorismo e buscar o alinhamento de governos de extrema direita na imposição e possível perpetuação desse tipo de ordem. Lembrar que o senador Flávio Bolsonaro foi à mídia e afirmou ter “inveja” dos ataques dos EUA a embarcações venezuelanas e colombianas sob o pretexto de combate ao tráfico de drogas. Ele questionou se os EUA “não gostariam de passar alguns meses aqui nos ajudando a combater essas organizações terroristas” no Rio de Janeiro, para combater o tráfico de drogas na Baía de Guanabara.²⁵

O mundo assiste ao que acontece em Gaza, na Ucrânia, na Venezuela e na Colômbia. Governos como o de Milei apostam no policiamento de suas fronteiras após o extermínio ocorrido no Rio de Janeiro no dia 28/10/25²⁶. É o uso da estratégia do interméstico: tornar um acontecimento transnacional relacionado ao doméstico. Milei testa sua autoridade após a vitória de seu partido (Libertad Avanza!) nas eleições parlamentares de 26/10/2025. As prioridades da política externa dos EUA se articulam com colaborações militares bilaterais como e o caso do Panamá e de Trinidad e Tobago.²⁷

²⁴ Conferir em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2025/10/28/operacao-contencao-forcas-de-seguranca-tentam-cumprir-mandados-de-prisao.ghml> publicado em 28/10/2025.

²⁵ CNN Brasil, “Flávio Bolsonaro diz ter ‘inveja’ de ataque dos EUA e cita barcos no Rio” In <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/flavio-bolsonaro-diz-ter-inveja-de-ataque-dos-eua-e-cita-barcos-no-rio/> publicado em 23/10/25.

²⁶ CNN Brasil, “Argentina alerta na fronteira com o Brasil após operação contra o CV” In <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/argentina-ativara-alerta-na-fronteira-com-brasil-apos-operacao-contr-cv/> publicado em 29/10/2025.

²⁷ Sobre a colaboração de Trinidad e Tobago conferir: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/premie-de-trinidad-e-tobago-diz-receber-com-orgulho-tropas-dos-eua/>, publicado em 17/11/2025. Sobre os acordos bilaterais com o Panamá e o treinamento de tropas dos EUA no país conferir:

Perspectivas gerais

A ascensão do projeto MAGA no segundo governo Trump, além de dar prosseguimento à política iniciada em seu primeiro governo, se realiza de maneira intencional a criar uma ambiência de caos por forças que desejam impor um revisionismo de forma disruptiva que acaba comprometendo a capacidade de visualização do horizonte político, enfraquecendo a concepção cooperativa e solidária de um futuro para a humanidade. Nesse cenário complexo (por vezes, inviável), torna-se muito difícil estimar os custos e impactos de médio e longo prazo para os países da América Latina e do Caribe, que acabam concentrados em atender às pressões imediatas dos Estados Unidos.

Internamente, a pressão sobre o governo Trump se amplia com a eleição de democratas à nível local²⁸, a mais longa paralisação do governo (shutdown) na história do país²⁹, juntamente com a pressão pela abertura dos arquivos Epstein³⁰. A crise interna nos EUA, no momento, abala as pretensões do projeto MAGA e ameaça a continuidade da hegemonia republicana com o temor de perder o controle com as próximas eleições legislativas para a renovação do Congresso em 2026, o que pode dificultar a continuidade do governo de Trump.

Esta situação de incerteza generalizada coloca a América Latina e o Caribe em posição desafiadora dada a relação assimétrica de poder historicamente estabelecida até o presente momento. Nesse sentido, os países da região devem buscar maneiras para transformar ou moderar as formas de negociação ou até mesmo buscar a ruptura com os EUA. O que ainda dificulta tal possibilidade é o alinhamento de países da região com os EUA como a Argentina e El Salvador entre outros. Ainda deve se considerar a mudança de governos democraticamente eleitos por novas eleições aproximando mais governos à posição atual do governo norte-americano.

Parece que os acordos bilaterais com os EUA ainda são a maneira mais realista de resolver questões econômicas e políticas buscando a moderação nas negociações, embora isto signifique ceder às pressões norte-americanas. Em termos diplomáticos, não se pode deixar de lado a observação do andamento da crise interna de hegemonia MAGA nos EUA para que disso se possa tirar proveito, além de buscar parcerias que ajudem a pressionar os interesses dos EUA sobre a região. Trata-se de dinâmica complexa e rapidamente volátil, mas parece que no momento é a perspectiva mais realista. Os organismos multilaterais devem sofrer transformações para

<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/em-meio-tensoes-com-venezuela-eua-iniciam-treinamento-militar-panama/> publicado em 13/11/2025.

²⁸ Sobre a eleição de democratas à nível local ver <https://www.metropoles.com/mundo/sob-pressao-com-avanco-democrata-trump-sobe-tom-e-cobra-seus-aliados> publicado em 09/11/2025.

²⁹ “Trump sanciona projeto que encerra shutdown mais longo da história dos EUA” In <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/trump-sanciona-projeto-que-encerra-paralisacao-do-governo-dos-eua/> publicado em 13/11/2025.

³⁰ “Trump sanciona lei que prevê liberação de arquivos do caso Epstein e critica opositores” In <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/11/19/trump-sanciona-lei-que-preve-liberacao-de-arquivos-do-caso-epstein.ghtml> publicado em 19/11/2025.

romper com as reminiscências do período da Guerra Fria e transformar a representatividade nos órgãos decisórios visando uma convivência global a mais civilizada possível.

As questões de ordem climática agem como fatores limitantes e as decisões sobre novos modelos de fontes de energia sustentáveis se colocam na ordem do dia. Não há muito mais tempo para qualquer potência ou força política, moderada ou extremista. O que fazer?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRÁFICAS

Artigos

MANNING, Bayless, “The Congress, the Executive and Intermestic Affairs: Three Proposals“ In *Foreign Affairs*, vol. 55, nº 2, jan/1977, pp. 306-324 In <https://www.jstor.org/stable/20039647>.

ROMERO, Carlos A., LUJÁN, Carlos, GONZÁLES, Guadalupe, TOKATLIAN, Juan Gabriel e HIRST, Mônica, Trump, *América Latina e o Caribe: Um laboratório de controle?* In [Trump e América Latina e Caribe: Um laboratório de controle? Artigo de Carlos A. Romero, Carlos Luján, Guadalupe González, Juan Gabriel Tokatlian, Mônica Hirst - Instituto Humanitas Unisinos - IHU](#), publicado em 07 de abril de 2025.

UNISINOS, Instituto Humanitas, “Como a Flórida se tornou a capital MAGA dos EUA?” In <https://ihu.unisinos.br/categorias/656561-como-a-florida-se-tornou-a-capital-maga-dos-estados-unidos> publicado em 01/09/2025.

Fontes governamentais

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, “Relações bilaterais: Conheça os principais acordos vigentes entre Brasil e EUA” In <https://www.gov.br/planaltois/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/03/conheca-os-principais-acordos-vigentes-entre-brasil-e-eua> publicado em 10/03/2020 e atualizado em 10/01/2023.

Fontes jornalísticas

AGÊNCIA REUTERS, “EUA dizem que vão revogar visto do presidente da Colômbia após falas em ato pró-Palestina” In <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/09/27/eua-dizem-que-voao-revogar-visto-do-presidente-da-colombia-apos-falas-em-ato-pro-palestina.ghtml>, publicado em 27 de setembro de 2025.

CARTA CAPITAL, “Premiê de Trinidad e Tobago diz receber ‘com orgulho’ tropas dos EUA” In <https://www.cartacapital.com.br/mundo/premie-de-trinidad-e-tobago-diz-receber-com-orgulho-tropas-dos-eua/>, publicado em 17/11/2025.

CNN Brasil, “Trump sanciona projeto que encerra shutdown mais longo da história dos EUA” In <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/trump-sanciona-projeto-que-encerra-paralisacao-do-governo-dos-eua/>, publicado em 13/11/2025.

CNN Brasil, “Leia o discurso de posse de Donald Trump na íntegra” In <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eleicoes-nos-eua-2024/leia-o-discurso-de-posse-de-donald-trump-na-integra/> publicado em 20/01/2025.

CNN Brasil, “Flávio Bolsonaro diz ter “inveja” de ataque dos EUA e cita barcos no Rio” In <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/flavio-bolsonaro-diz-ter-inveja-de-ataque-dos-eua-e-cita-barcos-no-rio/> , publicado em 23/10/25.

CNN Brasil, “Argentina alerta na fronteira com o Brasil após operação contra o CV” In <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/argentina-ativara-alerta-na-fronteira-com-brasil-apos-operacao-contr-cv/> , publicado em 29/10/2025.

EXAME, “Movimentação de frota naval dos EUA perto do Caribe acende alerta na Venezuela” In <https://exame.com/mundo/movimentacao-de-frota-naval-dos-eua-perto-do-caribe-acende-alerta-na-venezuela/> , publicado em 19/08/2025.

GAZETA DO POVO, “Em meio a tensões com a Venezuela, EUA iniciam treinamento militar no Panamá” In <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/em-meio-tensoes-com-venezuela-eua-iniciam-treinamento-militar-panama/> , publicado em 13/11/2025.

G1.GLOBO.COM, “Trump sanciona lei que prevê liberação de arquivos do caso Epstein e critica opositores” In <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/11/19/trump-sanciona-lei-que-preve-liberacao-de-arquivos-do-caso-epstein.ghtml> publicado em 19/11/2025.

METRÓPOLES, “Sob pressão com avanço democrata, Trump sobe tom e cobra seus aliados” In <https://www.metropoles.com/mundo/sob-pressao-com-avanco-democrata-trump-sobe-tom-e-cobra-seus-aliados> , publicado em 09/11/2025.

MOURA, Manuela, “Trump busca na América Latina saída para a crise hegemônica dos EUA” In <https://www.metropoles.com/mundo/trump-america-latina-crise-hegemonica-eua> , publicado em 22 de outubro de 2025.

SEMANA ON, “Trump amplia ofensiva e eleva tensão com a Venezuela e a Colômbia” In Região News <https://www.regiaonews.com.br/internacional/trump-amplia-ofensiva-e-eleva-tensao-com-a-venezuela-e-a-colombia> , publicado em 23 de outubro de 2025.